



AMARES

10 MARÇO 1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRIGIDA POR PAULO BARBOSA DE MACEDO
DIRECTOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA
REDACTOR: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO
Composição, Impressão e Redacção: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AMARES

Esperança de renovação e seriedade na vida política

O problema da seriedade da política, pela influência que esta pode ter na eficiência das funções e instituições da vida pública, é um dos mais sérios a que pode dedicar-se a nossa atenção. Assim pudessem convencer-se desta verdade aqueles que, pelo prestígio e pelos cargos que desempenham, mais responsabilidades têm na marcha da mesma política.

As inúmeras instituições em que se desdobra a organização do Estado servem todas elas o seu fim próprio e tem cada uma delas a sua função. Estes fins e estas funções, sendo os mais variados, caracterizam-se por uma finalidade última comum: o interesse daquela sociedade que se organizou politicamente num Estado.

As autarquias locais — a província, o concelho e a freguesia — os serviços pú-

blicos, desde a respectiva Direcção Geral à direcção distrital e à repartição concelhia e desde o sector do ensino, ao das finanças, ao das obras públicas, etc., etc., servindo cada um o seu interesse determinado, prosseguem no fim os interesses do público em geral.

Todos estes serviços e instituições enfermam, todavia, de um defeito nato que, além de defeito, é irremovível: e que, desde a sua direcção superior ao mais simples servidor local, desde o que serve nas repartições centrais ao que trabalha no concelho ou na remota aldeia encravada na serra, são essas funções desempenhadas por homens. E não se descobriu até hoje maneira de fazer dos homens anjos. Os homens continuam e hão-de continuar a ser homens. Por isso surge — e surge sempre — a adulteração das institui-

ções e a viciação das funções. É certo que cada serviço e cada instituição tem o que chamam o seu quadro disciplinar, o seu sistema de fiscalização. Uma coisa, no entanto, é certo e indiscutível: os disciplinares e fiscais nunca conseguirão mudar um homem noutra. Podem reprimir desvarios dum funcionário. Mas, no fim, láficará

(Continua na 4.ª página)

Um acto ruinoso e arruinante numa política inactiva

Não há dúvida que uma deliberação que eleva o preço da água de 1\$80 para 3\$50, quando há cinco anos era a 1\$00, num meio rural de nível de vida mesquinho é ruinoso para os consumidores e não favorece a Câmara pois o público terá necessidade de se abster de a gastar.

Numa terra onde a maioria das rendas é de 50\$00 mensais, os mínimos de água serão agora de 24\$00!

Alarmados com a maior catástrofe da história que há-de mostrar os seus efeitos por lon-

ga data, o povo desta esforçada terra junta-se e lamenta-se ao mesmo tempo que se insurge vivamente contra os responsáveis e até contra os seus que demoram a despertar e a tomar a quota parte que diz respeito.

Esta semana foi de movimento intenso e de protesto contínuo. No sentido de darmos uma ideia do estado de espírito existente, transcrevemos alguns telegramas expedidos.

Vejam, primeiramente, o que diz um dos novos. Inconformável:

UM PROTESTO

Lemos no último número de «Tribuna Livre» que a Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 1 do mês corrente, havia deliberado, por proposta do respectivo Presidente, aumentar o preço do metro cúbico de água na zona abrangida pela rede de distribuição da freguesia de Ferreiros, para 3\$50.

Naturalmente alarmados com a notícia, procuramos indagar o que a tal respeito se passava e, maugrado nosso, tivemos a lamentável confirmação de que, realmente, o novo preço da água passaria a ser de três escudos e cinquenta centavos!!!...

Por princípio e por educação, sempre nos conformamos com a Lei, ainda mesmo quando esta nos possa desagradar nas suas determinações.

assim, terá conveniência em a utilizar, pelo menos até ao limite dos mínimos, que sempre terá de pagar, passando, só depois, a recorrer a outra água ou a abster-se, por completo, de tão precioso liquido.

Como Feiranovenses, manifestamos a nossa reprovação por um acto de administração que reputamos destituído de bom senso, e fazemos votos por que o nosso grito chegue, onde o nosso jornal chegar, para que todos saibam que nesta terra, até então, de prados verdejantes e de laranjais floridos, nesta terra de rios caudalosos e de fontes cristalinas,

(Continua na 4.ª página)

«Doze anos de marasmo cortado por uma decisão ruinosas».

Outro, admirador indefectível do Estado Novo, proclama:

«A Revolução Nacional jamais chegou a Amares Solicitamo-la».

Ainda outro, com os cabelos brancos a começarem a sua faina, farto de trabalhar para o concelho, perante a incompreensão de quem não vela pelos interesses dos povos à sua guarda escreve.

«Zero actividades constructivas. Um mundo de vinganças».

As diferentes instituições e associações não calaram a sua voz pois ninguém pode, em consciência, alhear-se dum estado de coisas que afecta a todos.

Uma das instituições cujos fins beneficentes são seu lema pede:

«Protecção interesses habitantes junesta deliberação camarária»

Outra cujos fins são de cultura

(Continua na 4.ª página)

Dias após o flagelo que dizimou os nossos laranjais a Câmara eleva o preço da água para o dôbro

—Depois de milhares de contos de prejuízo, num ano em que tudo falta à agricultura, a água passa a custar 3\$50 o metro cúbico!

A preocupação latente a quem governa deve ser a de dar às instituições os rendimentos de que carecem sem, todavia, desnivelar a economia dos que pagam.

O acto mais justo pode, em determinada altura, por razões especiais, deixar de ser necessário, e impôr-se mesmo, a sua ausência por brigar com interesses maiores; mas se o acto nem chega a ser justo e, mesmo assim, contra a justiça e a necessidade, o impõem, estamos então perante um acto cruel de quem governa não pode alhear-se.

Está no segundo caso o assunto que hoje referimos: não é justo nem necessário e é tomado numa ocasião em que o não deveria ser mesmo que

fôsse justo — portanto é cruel. Mas além de tudo é desumano e mostra bem um alheamento confrangedor perante o flagelo que nos atormenta e que não tem paralelo na história deste concelho.

Sem milhares de contos que os nossos laranjais rendiam, sem pastos que contiuem a nossa riqueza pecuária, sem hortaliças e sem que o vinho recompense, os nossos lavradores e proprietários vivem uma época terrível.

A repercussão no comércio é verdadeiramente desalentadora e o cenário arrepia.

No momento em que se clamam providências superiores, em que se solicita às entidades

(Continua na 4.ª página)

A quem de direito

Sentimos nosso dever defender os justos interesses desta terra tantas vezes desprezada ou ignorada não obstante a sua reconhecida preponderância.

Como maior força pagadora é ela vítima de todas as diligências que tenham por fim aumentar receitas, as quais depois são gastas sem que delas beneficiem num decénio a receita do Município duplicou e situa-se hoje nos 1.000 contos.

Há 5 anos a 1\$00 a nossa água passou a 1\$80 e agora a 3\$50.

Atormenta saber-se que esta tributação vem dias após uma calamidade como a história não regista.

«Tribuna Livre» deve a sua existência ao superior critério de justiça das autoridades do distrito e sabe que as mesmas conhecem esta terra e acarinharam os seus interesses.

Por isso, num momento em que um clamor enorme se ergue coloca o seu pedido nas mãos dessas mesmas autoridades, certa de que o não faz em vão.

AVISO

No próximo número deste jornal publicaremos um artigo sobre a **Podá dos Citrinos** fornecido pelo Posto Agrário de Braga.

Nesse artigo é indicada a melhor maneira de podar os citrinos afectados pelas geadas e fornecem-se os elementos para a melhor adubação dos laranjais a fim de os ajudar a vencer a crise.

Trata-se de um artigo oportuno e de flagrante actualidade para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

Chapéus que parecem vir do mercado e travessões com brincos pendurados são as grandes novidades para a cabeça em 1956

Por Noémia Gil Faria

O chapéu para 1956 não nos trouxe grandes surpresas. Tal como aconteceu com os vestidos — aparte uns quantos modelos mais simples — segue o caminho directo para a moda de 1926. Colocado a direito sobre os olhos e nalguns casos, chegando mesmo a tocar as sobrancelhas o novo chapéu parisiense pode ser pequeno ou de grandes abas conforme a hora do dia a que se destine. Para que a linha das sobrancelhas se não perca — roubando à mulher um dos seus maiores encantos — já se considera como moda, o uso das sobrancelhas pintadas.

O chapéu 1956 não é nada discreto. As pedras fulgurantes que fugiram dos pescoços e dos vestidos; as imitações dos frutos e as flores, todas as flores dos jardins dão-lhe uma vida e uma côr a que já não estávamos acostumadas. O estilo «coolie» continua a ver-se muito acompanhando o vestido de estilo japonês. Há modelos com a parte superior em palha ou em seda e a inferior completamente forrada com minúsculas flores em tom pastel. A par destes, que hoje nos parecem já equilibrados, apareceu muito chapéu extravagante como o que representava um molho de pimentos vermelhos atados com uma fita de pedras fulgurantes. O gosto pelo mercado revela-se, de resto, em variadíssimos modelos feitos

com imitações de gomosinhos de laranja ou tangerina; fatias de maçã ou de ananás; copas forradas com cerejas vermelhas ou rosados morangos a que não falta o «chantilly» das rendas brancas e espumosas.

Usam-se muito os chapéus em feitiço de boina. Há uns modelos encantadores pespontados com seda de côr contrastante. Depois das cinco horas, porém, a extravagância transforma-se em leveza e devemos confessá-lo, em beleza. Há modelos deliciosos em musselinas franzidas, em tules armados, em setins, em rendas valencianas e em «nylons» arrendados. O chapéu para depois das cinco horas é — como já dissemos — geralmente, maior do que o usado até essa hora e o branco, pelo menos como

fundo, parece ser a côr dominante. Um dos mais bonitos modelos apresentados era de palha branca guarnecida com camélias vermelho cravo. Os laços de veludo preto são também uma das guarnições favoritas sobretudo nos chapéus «Wateau», cópias dos que se vêem nos quadros do genial artista.

Quanto aos estilos de penteados para usarmos com estes chapéus, as notícias que nos chegam continuam a alarmar o nosso burguesismo. Embora estejamos certas de que «as grandes novidades» não passarão dos salões dos cabeleireiros, horrorizamos-nos com os cabelos levantados e tintos na côr do alperche maduro, do ananás ou da romã. De tudo quanto nos chega, nesse sentido, o mais discreto é o cabelo tinto de «negro japonês» num penteado puxado para o alto no estilo bem conhecido das «gueichas». E a acentuar esta predilecção pelo Extremo Oriente vem ainda a nova moda dos brancos de fantasia pendurados de pequenos travessões colocados junto às fontes. Para as senhoras que não gostarem destes pingentes usam-se também pequenos raminhos de mimosas ou de «não me esqueças» espalhados por entre o carrapito achatado que é de rigor nesta moda toda «à japonesa»...

Graça Feminina

A Néné estende o braço sobre a mesa, à hora de jantar para chegar ao doce.

—Então, menina?— diz a mamã.—Estende-se assim o braço sobre a mesa. Não sabes pedir?! Não tens língua?!
—Tenho sim, mas não chega lá...

Uma criada acabada de chegar da sua terra apresenta-se numa casa para servir e começa logo a enumerar as suas diversas qualidades.

—Sou trabalhadora... asseada... desembaraçada...

E tanto quer exagerar, para convencer bem que acrescenta por fim:

—Olhe, minha senhora, na ultima casa onde estive de manhã, antes de todos se levantarem já eu tinha limpo a sala e o escritório, arrumado os quartos e feito as camas.

Lamentos de mãe

Sentada na verma do caminho olho as estrelas do firmamento.

Além, por entre a ramaria das figueiras o meu solar pequenino surge-me como um fantasma. O meu amor morreu e do seu rosto cândido e puro somente a lembrança dos seus tristes olhos verdes está gravada em minha mente. Dos seus lábios cor de carmim ainda sinto o hálito quente e doce dos beijos, ardentes de carinho

Era belo, sim belo; jamais encontrarei nada tão puro co-

mo ele, nem mesmo a criança recém-nascida terá a alma alva como a sua.

Lembro-me bem; há bem pouco tempo, quando eu desolada, me vinha sentar neste mesmo sitio e as lágrimas me rolavam pelo rosto, havia sempre no seu coraçãozinho palavras ternas para me dizer: O meu amor morreu!

Nunca ninguém terá piedade de mim, nunca pessoa alguma se dignará a olhar-me com confiança e a acenar-me um adeus carinhosos quando eu partir para os meus afazeres.

Jamais sentirei a alegria do regresso depois da monotonia da vida.

Bem me recordo; vinha eu a dobrar a curva do caminho e ainda os cães não ladravam no casal e já o meu amor corria célere ao meu encontro e

(Continua na 4.ª página)

CULINÁRIA

Presunto assado à transmontana

Corta-se de um bom presunto tantas tiras quantas forem precisas isto é, quantas forem os convidados. Cada tira deve medir centímetro e meio de grossura. Tira-se-lhes o courato deixando a gordura, e pondo de molho com água fria durante 24 horas. Para dessalgar, muda-se a água cinco ou seis vezes.

Uma vez demolidas colocam-se as fatias de presunto numa assadeira, em forno meio quente, durante um quarto de hora e não mais, para a carne não enrijar. A parte, cortam-se outras tantas fatias de pão de trigo, que se colocam sobre a travessa que deve ir à mesa, Por cima, lança-se a gordura e, finalmente, o presunto. Serve-se bem quente.

Leitão à espanhola

Degolado o leitão, que não deve ter mais de vinte dias de nascido mete-se num caldeirão de água fervente. Em estando limpo e branco, abre-se pelo ventre, cortando-se em linha recta desde o focinho até ao rabo. Esvazia-se muito bem e terna-se a lavar cuidadosamente por fora e por dentro, enxugando-o depois com uma serapilheira. Em seguida, estende-se, como se fora uma pele curtida, e atravessa-se longitudinalmente com o espeto do assador, empregando-se uns pedacinhos de cana á maneira de travessões. Com um pincel de cozinha molhado em salmoura simples, feita com água e sal unta-se e humedece-se bem por todas as lados submetendo-se então ao fogo de lenha sem esquecer de o voltar a miudo. Em cada volta que se lhe dá, vai-se esfregando com um pedaço de bom toucinho e molhando com salmoura até que a pele fique empulada e adquira côr de avela. Esta operação costuma durar hora e meia.

SOBREMESA

Sonhos

Põem-se ao lume 2 decilitros de água com 1 colher de sopa de manteiga e sal. Quando levantar fervura deitam-se-lhe 2 decilitros de farinha de trigo e mexe-se rapidamente. Tira-se do lume e bate-se sem parar até a massa estar bem fria. Deita-se-lhe então um ovo inteiro e continua-se a bater: depois da massa estar bem ligada deita-se outro ovo e assim se vai fazendo até deitar 4 ovos. Deve-se bater a massa durante uma hora, e descansá-la um quarto de hora. Põe-se uma caçarola ao lume com bastante azeite (bom) ou banha; quando está a ferver, põe-se ao lado, ou se é em gaz, baixa-se para lume branco, e deitam-se então os sonhos. Fazem-se umas bolas pequenas com ajuda de duas colheres de chá. Deixam-se cozinhar muito devagar para crescerem, — pois em lume muito forte não crescem. É preciso uma hora para frigar esta porção de sonhos. Faz-se uma calda de açúcar, em que se pode deitar um pau de canela ou uma casca de limão, ou as duas coisas. A calda deve estar em ponto de pérola. Com esta calda regam-se os sonhos.

Pudim de maçã

Descascam-se as maçãs e vão-se deitando numa vasilha com água acidulada com sumo de limão. Em seguida ralam-se e pesa-se o polme. Para meio quilo de maçã, pesa-se e junta-se-lhe meio quilo de açúcar. leva-se ao lume, até ganhar o ponto de espanada. Juntam-se-lhe 100 grs. de amendoas, ralada, 8 gemas de ovo e uma colherinha de farinha. Esta mistura faz-se fora do lume. Depois deita-se em forma untada com manteiga e leva-se ao forno até ficar cozida.

Modelos de Paris, para a próxima primavera

A colecção francesa de Madame Larques Fath revive a silhueta romântica, de curvas acentuadas, para a primavera de 1956.

A sua «linha», denominada «cálice» tem a aparência duma ampulheta, o que a coloca em posição diamestralmente oposta à de Christian Dior, que fez desfilar uma série de modelos direitos sem formas a que se chama «linha flecha».

Se a linha de Dior causa furor a de Madame Fath é de molde a agradar igualmente ao público feminino e masculino.

Conserva a cintura no lugar natural, acentuando a linha do busto com uma costura horizontal.

As suas criações são acentuadamente femininas, repletas de «jabots» diáfanos, de golas altas e punhos, em linho branco muito fresco e engomado.

Quanto aos fatos de duas peças, pequenos casacos bas-

cos ajudam-nos a desempenhar as linhas do corpo.

Alguns têm um cinto atado à cintura, e «jabots» originais simulando blusas para os fatos de azul marinho, de lã, e cinzentos.

Nos vestidos, Madame Fath prefere as saias justas e direitas algumas envolvendo o corpo e caindo em duas pregas, ou, então, em forma de campainha.

A contrastar com o exagero de curvas, colarinhos petulantemente brancos estilo «Eton», e largas fileiras de botões.

Para «cocktail», as saias são principalmente, em boca de sino preferidas pelas clientes mais jovens.

Mas os vestidos drapeados agradaram às mais elegantes.

Um destes modelos em setim cinzento prateado, é usado com um grande chapéu.

Nos casacos, duas longas rachas até aos ombros, assemelham-nos a estolas com mangas.

TRIBUNA do CONCELHO

O caso da água

Esta terra de bairrismo estuante que por força da nunca desmentida dedicação dos seus filhos vai progredindo foi esta semana abanada por uma decisão que a prejudica grandemente.

Quando a recebemos ficamos por momentos a pensar quão grande é a vontade dos que nos querem fazer pequenos, sem contudo o conseguirem.

Vamos dizer aqui uma coisa que mais gostaríamos de guardar para nós mas que tem certo sabor e alcance quando lida por quem não for daqui e iludida quanto à falta de respeito pelos nossos interesses.

Isto vem se dando não porque sendo maiores em numero se-jamos mais pequenos em valores.

Isto dasse porque quando é preciso escolher e mover influencias no sentido de que a cautela nos salvguarde de pessoas menos afectas à nossa terra se aceitam promessas de momento que depois se não cumprem.

É nesse aspecto que devemos acautelar-nos no futuro certos de que não nos faltam influências nem respeito por quem tem de decidir e conhece o nosso concelho. Possuimos os organismos de iniciativa particular e os lugares de influencia politica e não está certo que deixemos criar situações a que depois se não pode pôr cõbro.

Veja-se a maneira unânime e decidida como todos saíram a mostrar o seu veemente protesto e a reclamar uma atenção de que são credores.

Mesmo aquelas pessoas que vulgarmente se alheiam de tudo correram a mostrar a sua atitude e muitas foram as que deram lições de decisão pedindo diligências mais amplas de que as que foram tomadas.

Não nos compete decidir quais as atitudes a tomar, e por isso, nos abtemos de lhe fazer qualquer referência, o que garantimos a todos os que pediram a nossa colaboração, é que ela não faltará, firme, decidida e franca, como todas as atitudes que daqui saiem.

E que a solidariedade de todos sirva não só para pedir a solução deste caso como a de muitos que afligem este concelho.

Não concordaremos com situações dúbias nem pactuaremos com quem se não mostrar decidido a sacrificios.

E o estado de coisas em que todo o concelho caiu, desagradando a todas as cores e feitios, são prova evidente de que não se pode esperar sacrificios, como até a mais elementar diligência.

Lago

A revolução da água

Estavamos com vontade de sermos desta vez mais extensos, dizendo mais umas coisas. Somos porém informados que o presente número de "Tribuna Livre" tem quase a lotação esgotada em virtude da revolução da água.

A "Tribuna" era indispensável. A "Tribuna" era precisa.

Porque se a "Tribuna" não existisse nem a água subia até 3\$50.

Mas que diabo; mesmo por causa da "Tribuna" o salto foi largo de mais. E é preciso cuidado que ao darmos um salto muito grande podemos cair... C.

Augusto Ribeiro Pires, casado, proprietário, residente no lugar do Casal, freguesia de Soutelo, comarca de Vila Verde, queixou-se no posto da G. N. R. deste concelho contra Vasco da Mota, solteiro, residente no lugar de Entre-Pontes, da freguesia de Lago, concelho de Amares, e outros acusando-os de lhe terem arrancado umas árvores e as lançarem ao rio, quando jogavam a bola numa sua propriedade.

Santa Marta de Bouro

Maria Rosa Alves, viúva doméstica da lugar de S. Sebastião, da freguesia de Santa Marta de Bouro, queixou-se contra Sebastião Marques e Horácio da Silva dizendo que os mesmos lhe cortaram um carvalho que foi utilizado depois de serrado para madeira. Dá à árvore o valor de 500\$00.

Caldelas

O tempo e a Agricultura Novos Funcionários

Caldelas, 29- Após um rigoroso inverno com temperaturas negativas, o tempo apresenta-se agora desol e quente.

Os lavradores, devido ao gelo que fez, não têm pensos para os gados, ashortas estão queimadas e os laranjais estão inutilizados para uns poucos de anos. As plantações dos batatais, devido ao tempo que fez, estão atrazadissimos.

São poucas as casas onde não entrou a gripe que muito tem atacado estas freguesias.

—Tomou posse à dias a nova professora oficial de Sequeiros, a S.ra D.a Maria América da Silva Miranda, que veio da freguesia de Gilbarbêdo, do concelho de Terras de Bouro.

Também foi transferido daquele concelho para este o fiscal do Desemprego, Sr. Adolfo Fernandes, natural deste concelho. C.

Ocorrências policiais

Quando o Comandante do Posto da G. N. R. desta Vila, andava de ronda às povoações deste concelho por volta das 3 horas da madrugada de seis do corrente, surpreendeu em flagrante delito no furto de laranjas Garmem Correia Portela, casada, e sua filha Cândida Correia Portela, solteira, ambas da freguesia de Carrazedo deste concelho, tendo-lhes sido apreendido o produto do furto.

No Posto o Comandante do mesmo procedendo a avariguações concluiu ainda que as arguidas na noite de 5 entraram numa propriedade pertencente a D. Estela Meneses e dali lhe furtaram 98 pés de couves ainda numa outra noite furtaram a Amadeu Soares Pinto, casado alfaiate, residente em Rendufe, inumeros pés de couves a que dá o valor de 500\$00.

As arguidas confessaram os furtos e foram remetidos a Juízo.

Também foi apresentada queixa no mesmo Posto, pelo Ex.mo Snr. Dr. José Fernandes, médico desta Vila contra, José Maria Alves, solteiro da freguesia de Vilela deste concelho, por o mesmo na noite de 4 para 5 do corrente, se ter abusivamente introduzido na sua residência em Vilela e com consentimento da criada Maria de Jesus Antunes Maia, da mesma freguesia, pelo que foram ambos remetidos a Juízo.

Rendufe

Envolveram-se em desordem Amadeu Machado Antunes, casado, residente no lugar da Cova, Manuel de Macedo, casado, jornaleiro, do lugar do Rio e David Manuel da Cunha, casado do lugar da Cova, todos desta freguesia.

Desta contenda resultou ficar ferido, no rosto o Amadeu e ainda com umas peças de roupa danificadas e o Manuel de Macedo com várias escoriações nas mãos.

Novos estabelecimentos

Maria de Jesus Pereira Aires, casada, doméstica, residente na Avenida Afonso Manuel, da freguesia de Caldelas, requereu à Camara Municipal de Amares, a concessão de um alvará de licenciamento sanitário para venda de carnes bovina, caprina, ovina e suína a instalar no prédio de Abílio Afonso Aires, sito no mesmo lugar e freguesia.

Marco do correio

Escreve-nos uma senhora que se diz assidua leitora do nosso jornal e enumera uma meia dúzia de erros que encontrou num número, incluindo nesses erros a direcção que estava um tanto imperfeita.

Vê-se que é pouco assidua na leitura dos diferentes jornais pois que, por melhor revisão que haja nunca é possível evitar-lhos,

Nós lamentamos que o nosso jornal os traga, e até em grande número, contudo, não nos foi ainda possível encarregar um revisor disso, o que vamos fazer em breve.

De resto, devemos informá-la que tais erros não são contingência de falta de conhecimentos gramaticais, mas sim de composição.

Ninguém se convence de que não saibamos escrever "Senhor" «Lisboa», «Revolução», «tarde» e «consciência».

Mas repare que ao escrever a sua carta e sabendo para o que ela vinha diu a senhora doze erros! Por quem Deus nos manda avisar!...

De Manaus recebemos carta do Senhor Joaquim José de Macedo dando-nos conhecimento de que o jornal foi ali recebido com a maior satisfação. Aguardamos os novos assinantes.

Diz-nos ainda que embarca no dia 26 do corrente, a caminho desta terra o Sr. José Manuel de Macedo e Ex.ma esposa.

Cá os aguardamos com alegria, desejando boa e feliz viagem.

Vida elegante

Aniversário

Terça-feira — A senhora Margarida Rosa Dias Antunes.

Sábado — Os senhores Jaime de Abreu Dias, e António da Silva.

Noticias de Manaus Casamento

Realizou-se no passado dia 4 de Fevereiro o enlace matrimonial dos jovens:

Córa de Figueiredo Cunha, fino ornamento da sociedade amazonense, filha querida do Sr. Manuel Soares da Cunha sócio da importante firma, J. A. Leite & Cia. e de sua esposa S.a Natércia Figueiredo Cunha com o Snr. Arlindo José Rodrigues, auxiliar dos armazéns Colombo, filho do Snr. Delfim José Rodrigues e de sua esposa, S.a Joaquina da Conceição Pontes, da freguesia de Lago deste concelho.

As cerimónias foram realizadas na residência dos pais da noiva á Rua Barroso, 151.

No passado dia 18 a S.a Maria Helena Bandeira de Mello

HUMORISMO

Por tão pouco

—Patrão—diz o criado—sua mulher ofende-me.

Chamou-me parvo. Por esse motivo vou-me embora desta casa imediatamente.

—Por certo que sim.

—Pois eu, em vinte e cinco anos de casado, já me fui alguma vez embora?

Bem guardada

Uma dona de casa contratando uma criada:

—Antes de tudo quero que você, quando for passear com o menino, evite todo o perigo de qualquer desgraça.

—Sobre esse ponto pode a senhora estar descansada.

Eu nunca saio de casa sem levar na minha companhia um guarda republicano.

No exame

O professor—Sabe quem assassinou César?

O aluno—Não me recordo sr. professor.

O professor—Br u... Bruto

O aluno—Mas, b ruto, por quê?

Definição

Flirt é um fio dourado sobre um rio todo luz.

Amor é o nome do rio. Quem não sabe andar no fio... catrapuz.

esposa do Snr. Manuel Joaquim Rodrigues da Freguesia de Lago deste concelho deu à luz na Benficiente Portuguesa, de um casal de gémeos, encontrando-se todos bem de saúde, trazendo grande alegria para os pais e pessoas da familia, nossos parabens.

Viajará com destino a Portugal, no próximo dia 26 de Março no vapor Hildebrand, o Snr. José Manuel de Macedo e sua esposa S.a Isabel Barbosa de Macedo.

Aniversário

Realizou-se no passado dia 10 de Fevereiro o 60.º Aniversário natalício do nosso amigo e conterrâneo o Snr. Ermindo Fernandes Barbosa, proprietário e chefe da importante firma J. A. Leite & Cia Ltda.

O aniversariante reúne todas as pessoas de familia residentes nesta cidade, oferecendo-lhes um almoço em sua residência á Av. Joaquim Nabuco, 989, tendo decorrido num ambiente alegre e feliz. J. J. A. M.

Esperança de renovação e seriedade na vida política

(Continuação da 1.ª página)

o funcionário, o mesmíssimo homem, com todas as suas tendências. Em casos muito escandalosos poderá mesmo surgir a substituição. Mas nos outros? Mas em todos aqueles — e não esses o grande número — que ficam impunes?

Aqui surge a impotência da Política.

Essa coisa a que chamam nomes feios é a mais importante da vida de um Estado. E nenhum cidadão culto lhe pode ser indiferente.

A política é como que uma espécie de secreção interna do próprio Estado para se defender a si próprio das doenças humanas e sociais que lhe são peculiares. Quando o Estado deixa adular a política, então é a subversão total. Depois só a revolução

Eis por que consideramos as instituições políticas de todas as mais importantes.

Nós presamo-nos de acompanhar a vida política do nosso distrito. É com prazer que notamos, nas esferas

uma certa ânsia de renovação, uma aspiração sincera e firme desejo de imprimir seriedade á função e às instituições políticas.

Podemos asseverar que já lá vai o tempo em que os corpos dirigentes e institucionalmente responsáveis nem sequer reuniam. Já lá vai o tempo em que se não passavam em revista as situações criadas no distrito, em que se não faziam exames, nem balanços. Já lá vai o tempo em que a preocupação mor era a de manter, manter, manter a todo o custo e á custa de tudo, por inconfessáveis respeitos humanos e considerações individuais, a que se sacrificam tantas vezes os interesses gerais e até os princípios.

Este já vai longo. Voltaremos, a seguir, ao assunto.

Dias após o flagelo que dizimou os nossos laranjais a Câmara eleva o preço da água para o dobro

(Continuação da 1.ª página)

des responsáveis providências para amenizar a crise surge que a água é elevada para 3\$50 o metro cúbico!

Ainda há poucos anos, na gerência da actual Câmara, a água era a 1\$00, passando, duma só vez, para 1\$80, o que originou reclamações.

Agora, quando se esperava uma satisfação das providências tomadas quanto á crise, surge este acréscimo.

Que dizer a isto? Desalento ou revolta?

De ambas um pouco, mas talvez desta mais.

Neste país há ainda princípios de consciência e de integridade moral de que não abdicam os que têm a responsabilidade de resolver, e, neste caso, há-de essa integridade vencer a incompreensão ou o desleixo de quem não pretende coligar os interesses da adminis-

tração com os dos governados numa cruzada que, a não se fazer, é a opressão.

O governo tem dado sobejas provas de que sabe ser generoso; tanto que só não dá a quem lhe não pede como tem acontecido com este concelho.

Se esse governo soubesse do mal que nos atormenta correria persuroso em nosso auxilio. Pode ele concordar que no momento em que precisamos de ajuda nos imponham novo e tamanho sacrificio?

Não queremos!

Ao mendigo que estendia a mão pedindo esmola para valer ás suas necessidades, foi-lhe pedida a outra mão e tirou-se-lhe o pedaço de pão que ainda lhe restava.

Seja agora a mão de Deus a resolver — essa nunca tirou aos que precisam — e nunca precisamos tanto como neste momento.

B. M.

Um acto ruinoso e arruinante numa política inactiva

(Continuação da 1.ª página)

ra física e desporto brada:

"Actuação Presidente Câmara de Amares deliberação á agua, disparate politico.."

Outra de fins altruistas, cheia de mitigar dores alheias diz:

"Depois caltrastrofe, laranjais duplicação preço água. Providência"

E como estas outras.

O clero, na defesa dos seus paroquianos, as instituições na luta pelos seus sócios e o povo por si e só por si, não esconderam a sua repulsa que reflecte bem não só este caso, mas o estado de coisas a que a inércia levou o concelho.

A política distrital não pode alhear-se do que aqui se passa e deixar de resolver este assunto em toda a sua projecção e a solução tanto mais facilitada quanto é certo que ninguém no concelho tem já força moral para dizer o contrário do que proclamamos.

E se alguém surgir, sorratamente, por interesses inconfessáveis, na defesa deste caos, digam-lhe que o seu nome será divulgado e isso bastará para que haja medo de enfrentar a razão, o bom senso e o povo... e fugirá.

A. B. J.

Um protesto

(Continuação da 1.ª página)

talinas.. o consumidor é obrigado o consumir a água da Câmara, repetimos, ao preço de 3\$50.

Mas o nosso protesto atinge maior significado ao lembrarmos-nos que, precisamente no momento em que esta região acaba de ser fortemente abalada na sua economia pelas tempestades de neve que destruíram, quase totalmente, uma das suas maiores riquezas, a laranja, o Município, através dos seus dirigentes, e de mãos dadas com as intempéries da natureza, acaba de nos vibrar este rude golpe, que mais ainda virá agravar a economia doméstica daqueles que, por força do nascimento ou de qualquer outra circunstância, residem na zona da Feira Nova.

Aqui fica o nosso protesto para que nele meditem aqueles que a tanto nos levaram.

A. S.

Lamentos de mãe

(Continuação da 2.ª página)

me apertaria em seus braços robustos de pequeno homenzinho,

Com que ânsia eu te esperava um dia; com que satisfação eu preparava o teu enxovalzito: Tantas rendas meu querido!

Que profusão de fitas para as tuas roupinhas. Todos queríamos um homenzinho e tu.. vieste. Mas maldição, desgraçada maldição!

No éter bailam as perguntas:

Para que queres tu os filhos? — Para que os desejas? — Se um dia Aquele mesmo que tos deu tos tira?

Louca, louca mãe e desventurada mulher que desejas ter junto de ti anjos como o meu amor... e ele morreu.. eu

morrerei também; o meu filhinho... para que mesmo no céu me tenhas junto de ti para te beijar e te acarinhar como no nosso solar pequenino.

Sabes meu amor? As aves não cantam e o vento é mais triste agora.

A neve cai mais fria e crua.

As tuas flores secaram e a ramaria chora comigo: Meu amor... meu amor...

... Lá no céu a estrela Polar brilha mais é a tua estrelinha meu amor..

É a tua estrela, a princesa dos teus sonhos infantis: dos teus sonhos...

Que é senão a vida um sonho?!

E eu quero sonhar contigo meu filho, só contigo, com os teus olhos verdes e os teus lábios cor carmim, meu amor..

Tristeza

Sondando a vida minha alma conhece
Que o desterro do Mundo flores não tem.
Já tudo socumbe, o riso perece,
A luz da aventura, o sonho também.

Quão belo em gozos o tempo não ía
Quão triste, o presente, pobre não ficou
Apraz-me o luto par da alegria.
Agrada-me o ai que a vida soltou

Em tudo meus olhos buscam a imagem
do antigo ornato, do extinto fulgor
São findos os dias de provida aragem
As neves sucedem ao ténue calor.

Mas, um dia outra quadra mais doce e bela
Virá entre mil ornar os vergeis.
E vós ó tempo em Cândida tela
Mais luz e mais vida nos sonhos tereis.

J. F.

LEIA,

ASSINE

E DIVULGUE

O JORNAL «TRIBUNA LIVRE»

Assuntos de palpitante actualidade tratados com o maior desassombro; defesa intransigente, dos interesses gerais especialmente dos do distrito e do concelho.

OFICINA DE SERRALHARIA CIVIL E ARTISTICA

DE

ARTUR DA CUNHA CRUZ

SOLDADURAS AUTOGÉNEO E ELÉCTRICA

DESDE O TRABALHO MAIS PERFEITO

ATÉ AO CONSERTO MAIS RÁPIDO E SEGURO

Telefone, p. f. 6113

Feira Nova

Tribuna Desportiva

NOTAS À MARGEM

A 22.ª Jornada do Nacional da 1.ª Divisão apreciada de véspera

O desafio do ano entre Benfica e Porto, no Estádio da Luz, não iludiu a excepcional expectativa que o rodeava à bastante tempo, sendo considerado quase decisivo para as aspirações de ambos, à conquista do título.

Jogo bem disputado "tipo campeonato", com fazes de enorme emoção para ambos os lados, sendo de realçar o empenho posto na luta por todos os jogadores. Não houve vencedor mas a havê-lo caberia melhor o triunfo à equipa visitante, pelo brilhante trabalho produzido nos quarenta e cinco minutos iniciais.

Neste período chegou ao brilhantismo a exibição dos portuenses que em face de tal acerto confundiram completamente o seu adversário que não chegou a ter tempo de se organizar e ditar a sua vontade.

Inicialmente mais calmo que o Benfica, o F. C. P. tentou resolver a sorte da partida no primeiro tempo, desferindo ataques consecutivos a ver se conseguiria angariar margem suficiente para encarar o resto do tempo regulamentar mais tranquilo.

Conseguiu apenas um gol depois de várias ocasiões soberanas que tiveram para marcar, nesse inesquecível encontro entre os dois antigos rivais. Depois do segundo período teve a palavra o Benfica, que se não conformou com a superioridade do F. C. P. no primeiro tempo; e, por conseguinte pôs em campo todos os seus grandes recursos para tentar dominar o seu temível adversário.

Também o Benfica tentou por todos os meios ao seu alcance chamar a si a vitória, mas encontrou pela frente uma equipa com enorme vontade de vencer ou pelo menos conseguir o empate que em tais circunstâncias equivale a uma vitória conservar a vantagem de dois pontos.

O Benfica foi superior no segundo tempo ao F. C. P. mas mesmo nesse tempo não chegou a atingir o nível elevado que o Porto atingiu nos primeiros quarenta e cinco minutos.

O empate parece o resultado mais justo, embora o Benfica desejasse ardentemente a vitória para acalantar maiores esperanças quanto ao desfecho final.

O Belenenses como se esperava não teve grandes dificuldades em resolver da melhor maneira a sua deslocação à cidade de Braga.

Os Bracarenses sem alguns dos titulares, tiveram início do desafio duas ocasiões de abrir o activo que por manifesta falta de sorte não converteram em golos, já com o guarda-redes completamente batido.

Não restam dúvidas que o Sporting de Braga, entrou neste campeonato com o destino marcado a não poder continuar na companhia dos grandes do futebol nacional. Foi flagrante a sua pouca sorte e se não fora os bracarenses entrarem para o Estádio já antecipadamente vencidos, talvez o desfecho da luta tivesse sido diferente.

O Belenenses venceu, mas não convenceu inteiramente, embora seja de admitir que pelos resultados ultimamente conseguidos, deverá jogar bastante mais.

O Sporting C. P. como se previa encontrou muitas dificuldades para conseguir a vitória. A formação do Caldas baixou nitidamente, mas no seu terreno os jogadores ainda fazem um supremo esforço para tentarem surpreender os seus adversários, tentando dessa maneira fugir ao perigo dos últimos lugares.

A Associação Académica não foi nada feliz na sua deslocação ao Barreiro. Perdendo o concurso do seu "arquero" Ramin aos quin-

ze minutos, ficou impossibilitado de poder discutir com o adversário, em circunstâncias iguais o resultado do encontro, tendo em face do desfecho verificado tornado à posição de décimo terceiro em troca com o Atlético.

Também surpreendeu pela expressão dos números os resultados verificados na Tapadinha e no campo da Estrela, em Évora.

Os visitados sendo favoritos por jogarem no seu ambiente, não se esperava derrotas tão volumosas, tendo em conta não haver desnível nas referidas equipas que justifique, ta manha diferença de golos.

* * *

Os jogos da próxima jornada, a 22.ª, têm como mais importantes os desafios entre Belenenses-Benfica, Académica-Caldas e Torreense Atlético.

No primeiro, como sempre sucede entre estes 2 grupos, vai travar-se luta renhida e emocionante, com vencedor muito duvidoso.

O Benfica disputa o seu terceiro encontro consecutivo difícil, e como o Belenenses está atento à conquista do terceiro lugar, tem o Benfica de se empregar a fundo para não ver definitivamente perdidas todas as esperanças na conquista do ambicionado título.

Outro jogo em que o Benfica só lhe interessa a vitória, empate que venha a conseguir diminui muito as suas aspirações.

No segundo Académica-Caldas, joga-se a fuga ao décimo terceiro classificado; se ganhar a equipa escolar foge para já da incomoda posição, vindo esta a ser

ocupada pelo Atlético ou Caldas, conforme o resultado que se verificar em Torres Vedras, por conseguinte mais uma jornada com interesse para fuga a ao jogo de competência.

No terceiro, como acima se diz, vai ter também muito renhido o dispique entre as duas equipas. O Torreense precisa de ficar tranquilo quanto ao resto das jornadas tudo fazendo por ganhar e o mesmo fará o Atlético para não se ver ultrapassado e consequentemente ficar na zona perigosa.

Finalmente por ser o jogo em que intervem o comandante da prova, também tem muito interesse, jogo do Barreirense sendo de prever uma enchente no Estádio das Antas.

Previsão para a próxima jornada:

Sporting—Lusitano 4-1
Académica—Caldas 3-0
Porto—Barreirense 4-0
Belenenses—Benfica 2-1
Cuf—Braga 3-1
Torreense—Atlético 2-2
Setubal—Covilhã 2-1

TRIBUNA LIVRE é distribuída, em Braga, no Quiosque Central, Largo do Barão de São Martinho

Andavam ao acaso, ou quem sabe se fugiam impelidos por um determinismo insofismável que todo o homem em vão tenta deturpar com o invento de sistemas habilidosos, produto de crenças fanáticas e doentias mas, no fim, e abstractamente, confinado com Deus, onde tudo pede refúgio, depois de exausto o corpo e de exausto o espírito na improficua luta na fornalha onde a vida se abeira da Eternidade.

Acorrentados ou livres, a certeza, porém, é que fugiam de qualquer coisa. Talvez da vida que os não aceitava tal qual eram, que os tinha como filhos ilegítimos, bastardamente nascidos; talvez fugissem da sociedade que os não ouvia gemer, e nem sequer para eles olhava, escol que dividia a humanidade em graus hierárquicos como quem catáloga uma cáfila de camelos, coroados-se a si mesma de guia e directora infalível dos destinos da grei, mas esquecida dum pormenor essencial: do individuo anónimo, individuo que se encontra só e isolado perante o seu destino.

O baque—baque mortico e soturno dos pés continuava a ferir o silêncio da estrada erma e infinita...

Os jovens operários falavam da vida e dos seus problemas, das dificuldades e da santa miséria, expondo a realidade como jamais algum confessor ouvirá um pecador, e como de longe um pai conversa com o filho.

—Vivemos num mundo de desesperados!—disse o mais alto e mais forte.

A tarde estava quente, com o sol-a-pino. O ar era um vapor quente, quase escaldante. Distante ouvia-se o barulho do potente motor na sua faina de depuração, em S. Jerónimo de Real. As caminhadas, á media que avançavam, eram cada vez mais dolentes. A voz, ora alterada, ora em murmúrio, ora rumação era, por vezes, um clarão de nervosismo um rompante de dor.

—Mas por que nos calamós nós? Não somos livres? Não vivemos num país livre?—vociferou desfeitamente o mais alto e forte.

—Ora dize-me lá—atou outro-de que espécie de liberdade falas ou pensas tu!—O outro não respondeu, limitando-se a um gesto de evasiva.—Hoje fala-se muito em liberdade, em democracia. Hoje, ontem, até os confins mais remotos da civilização, ou às épocas milenárias do homem a tomar consciência da sua vital e total presença, nós vamos encontrar o eterno anseio de liberdade, a mesma pergunta que tu ora fazes, meu caro Daniel

Daniel continuou mudo. O outro pigarreou forçadamente e foi dizendo:

—E amanhã a mesma história. Os problemas de ontem são as equações de hoje. Assim no futuro. Os principios estão definidos, mas os meios e os fins baralham-se, perdem-se, fogem.—Cuspinhou uma saliva peganhenta.—Como tu, outrora, eu já fiz essa mesma interrogação. Quantas vezes? Sei lá! Durante muitos anos. Por que prendem e castigam e escravizam o ser humano? Por que há crentes e descrentes, ricos e pobres? O que é a liberdade? Olhou sorrateiramente para o camarada. Martirizei a cabeça, converti-me em ideias e definições. e tudo, de facto, me parecia um grande jogo, um velho truque, um patético paradoxo em falar-se de liberdade quando tantos se diziam e outros tantos se sentiam oprimidos! Falar-se em fé, em Deus, em Justiça, em Caridade, quando o que eu via e compreendia era a negação de tudo isso.

—Encontraste alguma solução?

Tribuna Internacional

Pelo Estrangeiro

O envelhecimento do vinho

Aí vai, grátis pro Deo a adaptação duma anedota... francesa, muito chegada ao Champagne:

Um viticultor californiano visitou, um belo dia, uma famosa adega durriense.

—Que tempo leva o vinho de Porto, na adega, a... a adquirir a posse de todas as suas virtudes? —perguntou o californiano.

—Seis anos pelo menos —informou o vinicultor.

—Tanto tempo! —pasmou o visitante! Nós lá, na Califórnia, conseguimos «envelhecer» o nosso vinho em cinco ou seis semanas...

E, logo, sorrindo, ajuntou:

—Escusado seria dizer-lhe que continuarei a fazer o meu vinho... e a beber o vosso.

Politica Francesa

A situação politica francesa agrava-se seriamente. Na Argélia reina a atenção que desde há muito se faz sentir e que foi a causa da antecipação das eleições.

Constituído governo que para ser mais homogêneo se foi buscar às fileiras da frente republicana, este encontra pela frente o problema com toda a sua agudeza e de tal maneira que começa a descrever-se do seu êxito.

A pacificação da Argélia não se fez e os espiritos mais sensíveis começam a recear que a França venha a perder aquela possessão com a agravante que daí vem para o campo ocidental.

Peter Álvares mandado prender pelo Governo Indiano

Segundo corre nos meios portugueses da cidade de Bombaim, o Governo indiano mandou prender o traidor Peter Álvares e o seu comparsa Nicolau Meneses.

Presentemente não se sabe o seu paradeiro, mas supõe-se que andem ali disfarçados com medo de que possam ser alvo de vingança, da parte dos goeses.

Marrocos proclamou a sua independência.

Está dado o passo que originou milhares de mortes e um desasosiego contínuo durante anos. A acificação deste mais pela concepção da independência irá originar novas polémicas noutras partes especialmente no Marrocos esponhol.

À Margem da Teologia

A Mediação de Cristo e a Mediação de Maria

(Continuação do número anterior)

Por Dr. Nuno Lima de Carvalho

Primeiro, porque *comparar* em Teologia é quase sempre incidir em erro ou pelo menos denota grande ignorância Teológica; segundo, porque o motivo de comparação neste lugar — a mediação de Cristo e de Maria — não pode caber na mentalidade de ninguém, pelo modo porque está feita, nem mesmo na recta compreensão da Sagrada Teologia. Que Cristo é mediador e Maria é medianeira, todos nós o sabemos. Agora, que *Maria é na Sua mediação mais poderosa que Cristo: que a Maria devemos viver mais obrigados, nos devemos mostrar mais agradecidos e que isso se resolve a favor d'Ela*, isso não nos parece muito Teológico.

Mas, porque a nossa autoridade é nula, vejamos qual o sentir e o pensar dos mestres da Sagrada Teologia.

Daffara no seu tratado «De Verbo Incarnato, 448» diz textualmente: «A mediação de Nossa Senhora de modo algum se deve equiparar à mediação de Cristo; a mediação de Cristo é principal e perpectiva; enquanto que a mediação de

Maria é dispositiva e ministerial; a mediação de Cristo é de si suficiente, porque Cristo nos uniu a Deus por méritos próprios e condignos; a mediação de Maria é dependente porque Maria tudo recebeu de Cristo e não mereceu senão de *congruo* o que Cristo mereceu de *condigno*. A mediação de Cristo é absolutamente necessária para que se tribute a Deus uma condigna satisfação; a mediação de Maria é hipotética ou condicionadamente necessária, porque Deus assim o quiz por sua livre vontade. Finalmente, a mediação de Cristo é universal e estende-se a Maria, pois Maria também foi redimida por Cristo, *embora dum modo mais sublime*. (palavras de Bula Dogmática «Ineffabilis Deus», em que Pio IX definiu a Imaculada Conceição) mas real, porque Maria também possuiu o *débito* do pecado original, do qual foi porém perservada.»

Ao nome de Daffara acrescentamos também os nomes sobejamente, conhecidos de teólogos modernos que aquele sacerdote poderá consultar: Aldama, Alastruey, Bover, Roschini, Lebon, Parente, Merkelbach e tantos outros, que pensam do mesmo modo.

É que estas coisas de Teologia não se resolvem, com tanta facilidade: — *Como se trata da Senhora e da sua Conceição Imaculada vamos resolver a favor d'Ela*. Isto não é uma coisa que se *trate*, mas é uma coisa que *é*; nem é uma coisa que a nossa infundada devoção *resolva* a favor deste ou daquele, mas é uma verdade que existe na tradição e nos teólogos e que existe também na Escritura, embora dum modo implícito (relativamente a Maria), enquanto que em vários lugares (e o Sr. Cita em) apresenta como único mediador principal a Jesus Cristo. Se ler os Actos dos Apóstolos no capit. 4, versículo 12 verá que diz «*non est in alio aliquo salus. Nec enim aliud nomen est sub caelo datum hominibus, in quo oportet nos salvos fieri*». E muitos outros lugares.

A Maria, nunca pode competir a mediação, que em grau e em poder, compete a Jesus Cristo. É certo, que sendo Maria, Mãe de Jesus Cristo — para fundar — mas como a maioria dos teólogos todas as restantes prerrogativas da Senhora na Sua Maternidade divina — comunga das glórias, como no Calvário comungou das suas dores, mas sempre dentro daquele grau que a filiação e dignidade divina de Cristo exigem.

(Continua no proximo número)

Tribuna de Vila Verde

Homem morto a tiro

Vila Verde, 2 Na freguesia de Vilela, lugar Guilhamil, deste concelho residia Manuel Ferreira de Carvalho, viúvo, proprietário, de 54 anos. Preocupado com o vencimento de uma letra de 900\$00, a pagar ao Banco Borges & Irmão, da cidade de Braga; o Carvalho que não dispunha daquela quantia, possuindo apenas a parte, mandou um seu familiar — ele estava doente, há dias, na cama — a casa de um visinho e amigo, de nome Joaquim Teixeira Bastos casado de 40 anos, morador no mesmo lugar e freguesia, a fim de que este, por favor, emprestasse a parte faltante no total de 400\$00. O Teixeira Bastos mandou dizer, mais tarde, por sua mulher, Celeste Gomes, que não podia emprestar, pois não tinha. O Carvalho, então, que via cada vez mais próximo o vencimento da letra, não desanimou e recorreu a outro amigo António José Rodrigues, casado de 47 anos, do lugar da Costa ainda da freguesia de Valdreu. Este, por sua vez, querendo valer ao homem, foi ter com ele, dizendo-lhe que apenas podia emprestar 100\$00. A instâncias porém do Carvalho, o Rodrigues fez nova inspecção aos bolsos e verificou poder emprestar mais 200\$00, o que perfez, portanto, 300\$00 faltando só 100\$00.

Não se sabe como, o referido Teixeira Bastos introduziu-se na casa do Carvalho, conseguindo escutar toda a conversa havida com o Rodrigues. E, talvez despeitado, e porque era homem de maus

instintos — é essa a opinião pública — o Teixeira Bastos surge, de repente, e pretende agredir o Rodrigues. Neste momento, porém, interveio um filho da dona da casa, Américo Ferreira de Carvalho, solteiro de 24 anos, a favor do Rodrigues. O Teixeira Bastos precipitara-se, excitado, pela porta fora, e com intenções malévolas. Era já noite e, por isso, aconselharam o Rodrigues a não sair, pois o Basto era pessoa muito má, ao que ele ripostou dizendo que nada havia dito em casa. Pois bem! Á sua espera lá estavam o tal Bastos e mulher, armados de sachola. Deram uma sova mestra no Rodrigues que foi, finalmente, empurrado de uma elevada altura. Pouco depois, apareceu o aludido Américo Ferreira de Carvalho, munido do uma espingarda caçadeira, calibre 12, pois tinha ouvido gritos de socorro. O Teixeira Bastos lança-se agora, de sachola ao Américo mas, este, desfechou sobre ele, malando-o.

As autoridades tomaram conta da ocorrência, e o Américo entregou-se ao regedor da freguesia. — C.

Novo Chefe de Secção Central da Secretaria Judicial da Comarca de Vila Verde

Foi com máximo regozijo e satisfação que tomamos conhecimento da acertada nomeação do Senhor António Anselmo Soares para o lugar de Chefe da Secção Central da Secreta-

ria Judicial do Tribunal desta Comarca.

O Senhor Soares, funcionário probo e de qualidades evidentes, vinha há alguns anos exercendo, com invulgar proficiência, as funções de Chefe da 2.ª Secção da mesma secretaria Judicial. Muitos parabens, pois, e as maiores venturas no novo cargo.

Necrologia

Manuel Peixoto

Na casa de sua residência, sita no largo do Campo da Feira, desta Vila, faleceu o venerando velhinho, de 90 anos de idade, Manuel Peixoto, viúvo.

O extinto era pai estremoso do Sr. José Peixoto, casado, industrial de padaria em Vila Verde, e avô do Sr. Manuel Gomes Peixoto, aspirante de finanças, ultimamente transferido para o vizinho concelho de Ponte da Barca.

A toda a Família em luto, as nossas condolências.

Distribuição Judicial

Transgressão

Pela Câmara Municipal deste concelho foi autuada Rosa Gomes Rabeca casada, da freguesia de Valões, por ter transgredido o art.º 20.º, n.º 1.º, de C. P. Municipais — 1.ª Secção.

Acção ordinária

Para separação de pessoas e bens foi intentada uma acção ordinária por Ana Soares Lameira, de Turiz, contra seu marido António Luiz Pinheiro — 2.ª Secção;

Acção Sumária

Posta por António Gonçalves Afonso e mulher, de Santa Isabel do Monte, do concelho de Terras de Bouro, contra Maria Aurora da Conceição, solteira maior, — 1.ª Secção;

Idem por Dr. Aristides Marques Vilela, casado, da Vila de Amares, contra Alzira Barbosa da Silva e outros, da freguesia de Moimenta, do concelho de Terras de Bouro — 2.ª Secção;

Acção Sumarissima

Intentada por António Rodrigues da Costa, casado, de Valdreu, contra Epifânio Rodrigues e mulher, também de Valdreu — 1.ª Secção;

Idem contra Joaquim de Araújo, casado ainda de Valdreu — 2.ª Secção;

Idem por Paulo Alves Vilela, de Mós, contra Felismino Lamosa Amorim, solteiro, também de Mós — 1.ª Secção.

Idem por Mauuel Rodrigues da Costa, casado, de Valdreu, contra António Pires e mulher ainda de Valdreu — 2.ª Secção;

Idem, idem contra João Baptista de Abreu e mulher, de Valdreu, — 1.ª Secção

Carta precatória, vinda do 3.º Juízo Civil da Comarca de Braga, para levantamento de penhora a Custódio Joaquim Barbosa, casado, industrial, da freguesia de Turiz, — 2.ª Secção;